

A COMPLEXA FUGA DA PRISÃO RECESSIVA

Gilmar Mendes Lourenço

As estatísticas correntes, relativas ao primeiro quadrimestre do ano, revelam, na mais otimista das avaliações, discreta reação dos níveis de atividade, em resposta à rota cadente da inflação e dos juros, que, por sinal, serviu para interromper o processo de corrosão do poder de compra e endividamento dos consumidores, e às algumas providências pontuais, adotadas pelo executivo federal, como a liberação dos recursos das contas inativas do fundo de garantia por tempo de serviço (FGTS).

Ademais, a aludida recuperação ainda emite sinais bastante contraditórios, desprovida de fôlego para expressar natureza generalizada, o que reforça as pressuposições quase consensuais, levantadas pelos meios especializados menos triunfalistas, dando conta de que, depois de escapar da prisão da derrocada depressiva, o aparelho de negócios teria alcançado o extenso campo minado da estagnação.

Mais precisamente, em abril de 2017, a produção industrial, acompanhada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cresceu 0,6% em relação a março, porém diminuiu -4,5%, frente ao mesmo mês de 2016, e -0,7% entre janeiro e abril, em comparação com idêntico intervalo do ano anterior.

Isso é particularmente preocupante por traduzir o panorama de um segmento portador de inúmeros encadeamentos multiplicadores para frente e para trás que, presentemente, vem sendo afetado pela persistência da desconfiança, elevado custo do crédito para giro e investimentos das empresas e acumulação não planejada de estoques.

Nessa última base de cotejo, 14 dos 26 grupos de produtos acompanhados experimentaram expansão e 12 denotaram contração. Os destaques positivos foram minério de ferro, óleos brutos de petróleo e gás natural, veículos automotores e máquinas e aparelhos elétricos. Dentre os segmentos que puxaram para baixo a produção sobressai alimentos, impressão e reprodução, derivados de petróleo e biocombustíveis, minerais não metálicos e máquinas e aparelhos elétricos.

Em sentido semelhante, as variáveis investigadas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) - faturamento real, horas trabalhadas na produção, emprego, massa salarial real, rendimento médio real e uso da capacidade instalada - continuaram a acusar fraqueza no mês de abril, em qualquer referência de comparação. Apenas a título de ilustração, a utilização do capital fixo declinou de 77,4%, em abril de 2016, para 76,5%, em abril de 2017.

O retrato desfavorável se repetiu no desempenho dos blocos de atividades diretamente atrelados à demanda das famílias, fortemente condicionada à massa de salários (emprego e rendimentos reais), volume e preço do crédito, estoque e fluxo de endividamento e grau de inadimplência, que, vem conspirando contra a reativação dos patamares de consumo.

Por essa perspectiva, em abril de 2017, as vendas comércio de varejo, com desconto da inflação, mensuradas pelo IBGE, subiram 1,5%, em confronto com março. No entanto, decresceram -0,4%, frente a abril de 2016, e -1,8% no acumulado do ano. No quadrimestre, foram apuradas retrações em 8 dos 10 ramos pesquisados, determinadas por veículos, motos, partes e peças; móveis; equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicações; combustíveis e lubrificantes; e livros, jornais, revistas e papelaria.

De seu turno, igualmente no mês de abril de 2017, o volume de serviços prestados, também calculado pelo IBGE, aumentou 1,0%, em comparação com março, e sofreu redução de -5,6 e -4,9%, diante de abril de 2016 e nos primeiros quatro meses do ano, respectivamente. Entre janeiro e abril, foram verificados números negativos para 09 das 12 atividades observadas, sendo as exceções representadas por tecnologia da informação, transporte aquaviário e armazenagem, este último beneficiado pela movimentação da safra agrícola.

Para coroar a insistente penúria, o índice de atividade econômica do Banco Central (IBC-Br), proxy do PIB, registrou, em abril de 2017, quando descontados os efeitos sazonais, variação de +0,28%, em relação a março, +0,51% frente a abril de 2016 e -0,14%, no acumulado do primeiro quadrimestre. Contudo, sem a retirada dos fatores estacionais, as apurações do BC apontam queda de -5,80%, em comparação com março, -1,75%, diante de abril de 2016, e -0,44%, entre janeiro e abril de 2017.

“Quem tomba e não se levanta não é merecedor da vitória”. “Na política, e em certos aspectos, os mortos governam os vivos”. Ulisses Guimarães, presidente do Congresso Constituinte, em 1987-1988.

Acrescente-se, à conjuntura adversa, a multiplicação das expectativas de recrudescimento da deterioração da atmosfera política e institucional, combatida desde o princípio de 2015 e transformada em verdadeiro tsunami, a partir da veiculação de diálogos nada protocolares, travados entre o presidente da república e o empresário Joesley Batista, do grupo JBS.

Considerando a ampliação das dúvidas quanto à sustentação do governo Temer e, por extensão, à aprovação e implantação das reformas de base, imprescindíveis à restauração da solvência do setor público e da eficiência da microeconomia, parece lícito especular acerca da persistência dos sintomas de estagnação econômica, ao menos até o final de 2018, aspecto comprovado pelas projeções realizadas pela pesquisa Focus do Banco Central.

Em outros termos, depois de deixar a unidade de terapia intensiva, o organismo econômico brasileiro deverá permanecer em regime de internamento, nos quartos ou enfermarias dos hospitais da república, e merecer criteriosa assistência, até como estratégia de defesa contra as doenças oportunistas trazidas por feiticeiros de plantão. Afinal de contas, como dizia o doutor Ulisses Guimarães, presidente do Congresso Constituinte em 1987-1988, “quem tomba e não se levanta não é merecedor da vitória”. Mais, “na política, e em certos aspectos, os mortos governam os vivos”.